

# A CONSTITUIÇÃO DA LÍNGUA LITERÁRIA ENTRE OS SÉCULOS XVII E XVIII

**15**  
aula

## **META**

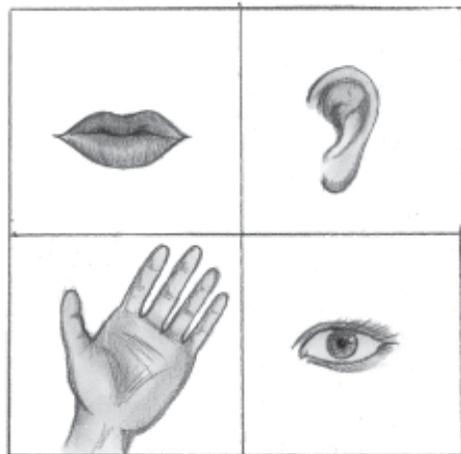
Apresentar a formação da língua literária no Brasil.

## **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá: reconhecer os fatores de ordem cultural e lingüística que promoveram a formação/ institucionalização da língua literária no espaço lusófono; e situar e indicar as fontes histórico-literárias de base para a formação da língua literária no Brasil.

## **PRÉ-REQUISITOS**

A aula número 14 – A contribuição nativa e o afluente africano no português do Brasil.



*S. M. J. J. J.*

A linguagem humana é uma atividade muito complexa e atende a várias possibilidades de comunicação em sociedade. Um grande estudioso de psicologia da linguagem como Ernst Cassirer procurou definir a linguagem como

## INTRODUÇÃO

“...a faculdade que o homem tem de expressar seus estados mentais através de um conjunto de sons vocais chamado língua que é ao mesmo tempo representativo do mundo interior e do mundo exterior”.

Nessa definição, podemos distinguir a linguagem como uma atividade psíquica (mental) e a linguagem como realização concreta, como a fala ou ato lingüístico material e social. No contexto de realização concreta, a linguagem assume funções sociocomunicativas diversas. Entre tais funções, convém realçar, nesta aula, as funções expressiva ou emotiva e a poética, pois o uso da linguagem pode acontecer em função de extravasar as nossas emoções, os nossos estados de espírito ou em função de se “criar”, intencionalmente, uma realidade especial ou ficcional materializada na obra literária.

Na história da evolução da língua portuguesa no Brasil, já aludimos em aula anterior, que, a partir do século XVII, assiste-se a todo um processo de renovação lingüística motivado pela influência da estética barroca, de origem européia, mas que nos chega por intermédio da literatura cultivada pelo sermoneiro português Padre Antônio Vieira e pelo poeta baiano Gregório de Matos Guerra.

Os historiadores da língua portuguesa no Brasil ou do português do Brasil são unânimes em admitir que, durante os três séculos de colonização, floresceu, continuamente, uma pequena elite de escritores estreitamente ligada ao espírito das letras cultivadas na metrópole.

Essa elite se apresentava com uma importância salutar, pois representava, ao lado da fala mais popular realizada pelo elemento indígena e/ou africano, a manutenção dos laços com o português escrito, cultivado, da Corte portuguesa. É curioso notar que boa parte da literatura (ou da língua literária) lusa, a partir da segunda metade do século XVII até a primeira metade do século XVIII, provém de uma atividade literária realizada no Brasil. Serve de exemplo a produção de sermões do Padre Antônio Vieira.

O professor Segismundo Spina se refere a uma passagem do “*Sermão dos cativos*”, proferido pelo Padre Vieira, em 1653, em São Luís do Maranhão, que, a título de ilustração, transcreveremos abaixo:

“Três foram as tentações, com que o demônio hoje acometeu a Cristo: na primeira ofereceu, na segunda aconselhou, na terceira pediu. Na primeira ofereceu: Dic ut lapides isti panes fiant, que fizesse das pedras pão. Na segunda aconselhou: Mitte te deorsum: que se deitasse daquela torre abaixo. Na terceira pediu: Sicadens adoraveris me, que caído o adorasse. Vede que ofertas, vede que conselhos, vede que petições! Oferece pedras, aconselha precipícios, pede caídas. E com isso ser assim, estas são as ofertas que nós aceitamos, estes os conselhos que seguimos, estas as petições que concedemos.

De todas estas tentações do demônio escolhi só uma para tratar, porque para vencer e convencer três tentações é pouco tempo uma hora. E quantas vezes para ser vencido delas basta um instante! A que escolhidas três, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira e última; porque ela é a mais universal, ela é a mais poderosa, e ela é a mais

## LITERÁRIO

própria desta terra em que estamos. Não de balde a reservou o demônio para o último encontro, como a lança de que mais se fiava; mas hoje lha havemos de quebrar nos olhos”.

## Estilo

Uma das definições possíveis do que seja estilo (literário) é dada pelo estudioso francês Pierre Guiraud: “o estilo é o aspecto do enunciado que resulta da escolha de meios de expressão determinada pela natureza e intenções do indivíduo que fala e escreve”.

Ainda com base nos comentários do professor Spina, convém lembrar que o orador Vieira censurava (ou condenava) a caça e a escravidão dos índios pelos colonos portugueses. No entanto, o texto acima tem apenas uma função, nesta aula, que é a de exemplificar o **estilo** literário (língua literária) vigente, na época, entre os denominados escritores clássicos. O estilo oratório de Vieira se pautava num tipo de frase curta, concisa, com apelo à inteligência do ouvinte receptor, e não apenas algo elaborado para agradar ao ouvido, próprio do “gênero nobre”, de ascendência greco-latina, caracterizado como sendo retórico, solene, pomposo, de grande efeito auditivo, que floresceu durante o período barroco, sob a influência do escritor espanhol Luís de Gôngora. Foi, então, o “gênero humilde”, como se denominava na época, o estilo (a língua literária) cultivado pelo Padre Antônio Vieira, que prevaleceu daí para frente.

Para uma melhor fixação desse “gênero” de estilo literário, vamos reproduzir abaixo uma outra passagem de um outro sermão de Vieira, “*Sermão do Mandato*”, pregado em Lisboa, em 1643.

“Deste discurso se segue uma conclusão tão certa como ignorada; é que os homens não amam aquilo que cuidam que amam. Por quê? Ou porque o que amam não é o que cuidam; ou porque amam o que verdadeiramente não há. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima e não vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama e não defeitos. Cuidais que amais diamantes de firmeza, e amais vidros de fragilidade; cuidais que amais perfeições angélicas, e amais imperfeições humanas. Logo, os homens não amam o que cuidam que amam. Donde também se segue que amam o que verdadeiramente não há; porque amam as coisas, não como são, senão como as imaginam; e o que se

imagina, e não é, não o há no Mundo. Não assim o amor de Cristo, sábio sem engano: Cum dilexisset suos, qui erant in Mundo”.

Ainda da leitura desse trecho, podemos inferir que a linguagem dos sermões de Vieira não era desprovida de imagens, de metáforas, de antíteses ou de outras expressões elaboradas para causar impacto em seus ouvintes ou leitores. No entanto, o uso desses recursos lingüísticos não prejudicava a apreensão e compreensão do seu público, pois o seu domínio (conhecimento) de língua portuguesa deixava-o à vontade para suprimir excessos de rebuscamento lingüístico que pudessem vedar a captação da mensagem. Esse aspecto era tão consciente em Vieira que ele mesmo salientou, ao se dirigir a um seu determinado leitor:

Se gostas da afetação e pompa de palavras e do estilo que chamam culto, não me leias. Quando este estilo mais florescia, nasceram as primeiras verduras do meu (que perdoarás quando as encontrares); mas valeu-me tanto sempre a clareza, que só porque me entendiam comecei a ser ouvido e o começaram também a ser os que reconheciam o engano e mal se entendiam a si mesmos.

Assim, o estilo de Vieira, que serviu de matriz para a nossa língua literária, segue já há mais de três séculos sem envelhecer.

Concebido (esse estilo) para auditórios constituídos, sobretudo ou quase na sua totalidade, de analfabetos (índios, africanos e colonos sem nenhuma instrução), ainda hoje a escrita de Padre Antônio Vieira impressiona e comu-



Mulher lendo - Coubert (Fonte: <http://www.funcionamento.blogspot.com>).



Emigrantes. (Fonte: <http://ww.ameninaeasmontanhas.blogspot.com>).

nica pela sua clareza, precisão e beleza, tanto quanto incisiva a favor de uma causa social experimentada por toda uma população de excluídos, explorados e marginalizados socialmente.

Ainda nessa fase de constituição da língua literária, no Brasil, vamos situar o poeta baiano Gregório de Matos Guerra, de formação humanística aprimorada nos meios universitários de Coimbra, na década de 1640, onde

se envolve com leituras de autores clássicos e barrocos.

Dessa vivência universitária, o poeta procurou no português (língua que usou para dar corpo à sua produção literária) aquilo que corria, em termos lingüísticos, no estilo literário de seu tempo, aliás, uma modalidade de língua literária culta, mas de feição européia.

No Brasil, onde aprimorou os seus dotes de poeta lírico e satírico, apenas incorporou, como veremos adiante, em textos específicos, ao seu vocabulário poético a contribuição oriunda da influência tupi e africana, animada pela abundância de palavras gíricas e até termos chulos ou pornográficos em circulação na época, ao lado de uma linguagem figurada que concede ao seu culto ao barroco um matiz tropical, isto é, um estilo barroco brasileiro.

Por outro lado, a paisagem brasileira, na sua natureza, na sua vida social e na sua realidade lingüística, está presente na criação e na língua literária cultivada por Gregório de Matos. Esse aspecto lingüístico realçado pelo professor Spina: “rico, variado, cheio de termos tropicais, contém dois terços, pelo menos, dos vocábulos de origem africana e tupi...”, e continua o professor Spina: “A vertente lexical africana é muito menor, e o

## Lírica

Em sentido mais primitivo, o vocábulo lírica designava um canção que se fazia acompanhar do instrumento musical, a lira. Na atualidade, a lírica se conceitua como a poesia do “eu”, poesia da confissão de estados íntimos, a poesia de emoção e de sentimentos acessíveis a toda a gente. Daí, o adjetivo “lírico” e o substantivo “lirismo”.

## Sátira

(satírico) – É uma modalidade literária que consiste na crítica das instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade e dos indivíduos, daí o adjetivo “satírico” relativo a quem cultiva a sátira.

contingente revela apenas a predominância do grupo banto na Bahia, pois na sua maioria tais vocábulos são oriundos do quimbundo ...”, língua africana a que já nos referimos em aulas anteriores.

A título de ilustração, seguem textos poéticos de Gregório de Matos que comprovam as observações feitas acima sobre características de sua linguagem literária:

### Sonetos:

Há coisa como ver um Paiaíá  
Mui prezado de ser Caramuru,  
Descendente do sangue de tatu,  
Cujo torpe idioma é Cobepá?

A linha feminina é Carimá  
Muqueca, pititinga, caruru,  
Mingau de puba, vinho de caju  
Pisado num pilão de Pirajá.

A masculina é um Aricobé,  
Cuja filha Cobé, c’um branco Paí  
Dormiu no promotório de Passe.

O branco é um Marau que veio aqui:  
Ela é uma índia de Maré;  
Cobepá, Aricobé, Cobé, Paí.

Compreensão do léxico do poema: Piaiaí – pajé; Cobepá – dialeto (fala) da tribo cobé, que habitava as cercanias da cidade; Carimá – bolo feito de mandioca-puba; pititinga – espécie de peixe miúdo; Aricobé – a mesma coisa que cobé; Cobé – palavra que o poeta designa os descendentes de indígenas; Marau – malandro.

Vejam um poema de linguagem chula que se refere à definição que o poeta faz da cidade da Bahia: Mote: “De dois ff se compõe/esta cidade a meu ver/um furtar, outro foder. **Glosa:**

### Soneto

Composição poética de 14 versos dispostos em dois quartetos (duas estrofes de quatro versos) e dois tercetos (duas estrofes de três versos).

### Glosa

Parte do poema lírico denominado VILANCETE que é constituída de um MOTE, isto é, cabeça ou estrofe que funciona como matriz da composição, seguida de um número variável de estrofes, também denominadas de GLOSAS que desenvolvem a idéia central contida no MOTE.

Recopilou-se o direito,  
e quem o recopilou  
com dois ff o explicou  
por estar feito, e bem feito:  
por bem digesto, e colheito,  
só com dois ff o expõe,  
e assim quem os olhos põe  
no trato, que aqui se encerra,  
há de dizer que esta terra  
De dois ff se compõe.

Se de dois ff composta  
está a nossa Bahia,  
errada a ortografia  
a grande dano está posta:  
eu quero fazer aposta,  
e quero um tostão perder,  
que isso a há de perverter,  
se o furtar e o foder bem  
não são os ff que tem  
Esta cidade a meu ver.

Provo a conjetura já  
prontamente com um brinco:  
Bahia tem letras cinco  
que são BAHIA,  
logo ninguém me dirá  
que dois ff chega a ter,  
pois nenhum contém sequer,  
salvo se em boa verdade  
são os ff da cidade  
um furtar, outro foder.

Agora, um poema lírico bem no estilo barroco:

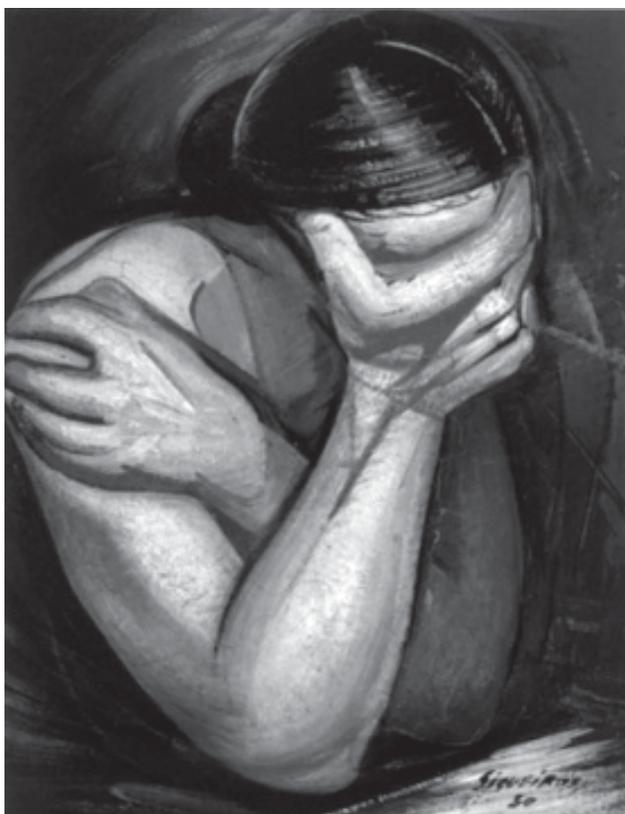
Ardor em firme coração nascido;  
Pranto por belos olhos derramado;  
Incêndio em mares de água disfarçado;  
Rio de neve em fogo convertido:

Tu, que em um peito abrasas escondido;  
Tu, que em um rosto corres desatado;  
Quando fogo, em cristais aprisionado;  
Quando cristal em chamas derretido.

Se és fogo como passas brandamente,  
Se és neve, como queimas com porfia?  
Mas ai, que andou Amor em ti prudente!

Pois para temperar a tirania,  
Como quis que aqui fosse a neve ardente,  
Permitiu parecesse a chama fria.

Como podemos observar, predomina uma linguagem figurada que se digladiava entre pólos opostos ou contrários, jogo, aliás, característico dos trocadilhos lingüísticos do barroco literário.



Prato. (Fonte: <http://www.diariogouche.zip.net>).

A formação da língua literária no Brasil, como acompanhamos ao longo desta aula, conta com a convergência de elementos lingüísticos clássicos, isto é, provenientes da tradição renascentista, e elementos de influência tupi e africana, naturalmente abrigados, que dão uma feição tropical à nascente modalidade de língua escrita de

## CONCLUSÃO

pretensão artístico-literária. Os dois escritores em destaque, um prosador e um poeta, respectivamente o Padre Antônio Vieira e o baiano Gregório de Matos Guerra, abrem horizontes para os escritores que darão corpo a obras literárias no período histórico seguinte, que se tornou conhecido como Arcadismo ou Neoclassicismo, período, aliás, que também já anuncia temas e linguagem do Romantismo que dominará toda a primeira metade do século XIX.

Assim, na base da constituição da língua literária no Brasil, aspectos de uma modalidade erudita da língua portuguesa se mesclam ou simplesmente convivem com toda uma prática lingüística mais popular e nativa que circulava nos ambientes sociais da primeira capital da colônia, isto é, da Bahia de todos os santos, com suas peculiaridades étnicas, sociais e culturais, da época.

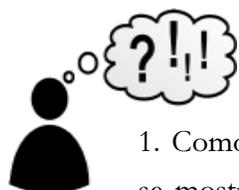
---

## RESUMO



Durante a segunda metade do século XVII, exatamente o período que se segue à liberação do Reino português em relação ao domínio espanhol, e a primeira metade do século XVIII, a produção literária que vai dar origem à constituição da língua literária no Brasil se refere, basicamente, a dois escritores de formação intelectual acentuadamente portuguesa, portanto, o uso da língua portuguesa não se distancia, significativamente, do padrão lingüístico coimbrão ou lisboeta.

Os sermões de Padre Vieira e os sonetos e **sátiras** de Gregório de Matos demonstram muito bem a modalidade de língua literária em curso, no período aqui em referência. No entanto, já se pode constatar a presença de elementos lingüísticos diversos que remetem à situação de contato entre o português, o indígena nativo e os povos africanos aqui escravizados. Dessa afluência de raças e hábitos lingüísticos, já se vislumbra uma modalidade de língua literária, ainda de feição européia, mas já marcada pela presença de um léxico nativo, indígena, e de elementos lingüísticos oriundos das várias línguas africanas carreadas para o Brasil pelo processo de tráfico de escravos patrocinado pelo colonizador branco.



## ATIVIDADES

1. Como se pode argumentar que os sermões do Padre Vieira já se mostravam como berço da língua literária realizada no Brasil?
2. Lendo com atenção os exemplos apresentados, nesta aula, sobre a produção literária de Gregório de Matos, procure justificar os brasileirismos lingüísticos desse autor.
3. O que você entendeu por **língua literária**?

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para maior eficiência nas respostas a estas atividades, convém recorrer a um manual de literatura brasileira e tomar conhecimento do nível de linguagem empregado pelos autores barrocos e apreender a diferença entre a língua popular e a literária da época.

## PRÓXIMA AULA



Na próxima aula lhe será apresentado o processo de formação do ensino do português no Brasil.

---

## REFERÊNCIAS

- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica – Padrão, 1975.
- COUTINHO, Ismael. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- ELIA, Sílvio. **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Ática, 1989.
- MATOS, Gregório. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- MOISES, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. Rio: Ed. Liceu, 1969.
- SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa III – segunda metade do século XVI e século XVII**. São Paulo: Ática, 1987.